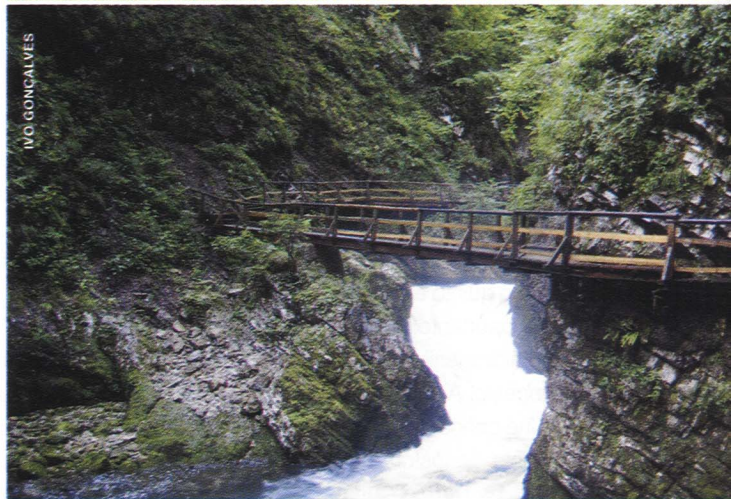




JOSE FUSTE RAGA/CORBIS



IVO GONÇALVES



IVO GONÇALVES

Viagem Texto de Ivo Gonçalves

Nas montanhas da Eslovénia

Caminhada e montanhismo numa região abençoada pela natureza. Oito dias de aventura portuguesa

Sete dezenas de portugueses passaram oito dias, em Agosto, nas montanhas Karavanke e nos Alpes Julianos, na Eslovénia. Subiram e desceram encostas, bordejaram desfiladeiros perigosos, percorreram vales maravilhosos, dormiram em refúgios a mais de dois mil metros de altitude. Um grupo fez questão de escalar o escarpado Triglav (2.864 metros), o ponto mais alto do país e seu símbolo nacional, a ponto de figurar na bandeira eslovena.



Em Portugal, há quase 20 anos que percorrem praticamente todas as semanas, anonimamente, trilhos, montanhas, terras, em longas caminhadas e em actividades culturais, dormindo por vezes



IVO GONÇALVES

em parques de campismo, ginásios ou pousadas de juventude. Para tal organizaram-se no Clube de Actividades de Ar Livre (CAAL), que tem hoje cerca de 1.600 sócios. Uns já reformados, outros tra-

balhando diariamente, famílias inteiras por vezes, com avós, filhos e netos de tenra idade. O mais velho, ainda em actividade, já ultrapassou os 80 anos. Na viagem à Eslovénia, a média das idades pas-



IVO GONÇALVES

Em cima, a partir da esquerda: a pequena cidade de Bled, na margem de um lago, base da expedição; caminhada de dois dias nos montes Karavanke; um ribeiro na floresta do parque natural do Triglav; e a montanha mais alta da Eslovênia, o ancestral «Pai com Três Cabeças», iluminada pelo sol nascente. Em baixo, a conquista do Triglav

nos, Karavanke e Kamnik». Nesta viagem foram percorridas as duas primeiras.

A aventura dos portugueses começou a 7 de Agosto, de avião até Veneza e daí em autocarro até à Eslovênia, onde ficaram hospedados na pequena cidade de Bled, que lembra um conto de fadas,

litância, os outros contornaram a montanha por veredas estreitas, admirando os vales verdejantes imensos, as pequenas aldeias e as casas de montanha. Dormiram em refúgios, algures entre Ljudelj e Podjubelj.

No segundo dia, o primeiro grupo teve como objectivo a crista de Kosuta (da ordem

Passaram um conjunto de escuros túneis cavados na montanha, os «Túneis do Barão»

nas margens de um lago e junto ao Parque Nacional do Triglav. Foi essa a base para toda a incursão no país.

Na manhã seguinte rumaram de autocarro até Zavrznica, na base dos montes Karavanke, onde iniciaram uma caminhada de dois dias, de mochilas às costas. O grupo saiu compacto, mas depois dividiu-se em dois: os cultores da caminhada mais rápida e das rotas mais escarpadas e ariscas seguiram na sua mi-

dos dois mil metros), de onde se descortinam as encostas fronteiriças eslovenas e austríacas, enquanto os restantes atravessavam um conjunto de escuros túneis perfurados na rocha das montanhas, conhecidos por «Túneis do Barão».

Os trilhos e os refúgios de montanha estavam peçados de caminheiros de várias nacionalidades — eslovenos (a maioria), italianos, holandeses, alemães, franceses — por vezes a andar

sava os 45 anos. O mais velho tinha 78, o mais novo fez cinco em plena digressão.

A Eslovênia é um «paraíso para quem gosta de caminhar ao ar livre», diz o engenheiro José Veloso, um cin-

quentão que preside à direcção do CAAL. E justifica: «Cerca de 50% do país está ocupado por florestas, é a região alpina com mais verde, e enquadra três cadeias de montanhas: Alpes Julia-



O centro de Liubliana, a tranquila e harmoniosa capital da Eslovénia

mente sem papéis ou outros desperdícios humanos.

Ao fim do dia, sempre com sol mas com ameaças constantes de tempestades repentinas, o grupo pernitoou no refúgio de Dolic, a 2.164 metros de altitude, por vezes envolvido numa neblina repentina que não deixava descortinar um palmo à frente do nariz.

UM REFÚGIO NO VALE DOS SETE LAGOS

No dia seguinte, ainda de noite, o pequeno grupo do Triglav rumou para a arriscada ascensão da montanha. Os restantes seguiram, ao nascer do sol, em marcha mais lenta, por desfiladeiros imensos, mas deslumbrantes, palmilhando as belezas do vale dos Sete Lagos, entre o agreste do calcário montanhoso. Pernoitaram num espectacular refúgio com vista para o maior dos sete lagos.

No último dia desta caminhada, que veio a terminar junto ao maior lago glacial do país, o Bohinj, os montanheiros sofreram as agruras de um dia ri-

sozinhos, como se conhecessem perfeitamente os cantos à região. Nos trilhos, tabuletas indicam as direcções e as distâncias, estas referenciadas em horas de marcha a pé.

Quando os caminheiros se cruzavam com o grupo português ficavam admiradíssimos: «Portugueses?!» Nunca tinham encontrado nenhum naquelas paragens. E ainda por ci-

mesmo nome.

O Triglav está associado às religiões primitivas. Era uma divindade pagã cujo nome significa, literalmente, «pai com três cabeças». Segundo referem os manuais turísticos, a escalada ao pico, pelo menos uma vez na vida, é um objectivo de todo o esloveno que se preze. Alguns dos portugueses cumpriram esse ritual, incluindo escaladores

pico», mas que hesitou nos dias anteriores. Aristide Sala, de seu nome, que nasceu junto aos Alpes italianos e foi treinador de esqui alpino, era um homem eufórico no final da escalada do pico esloveno.

Tudo começou, então, a 11 de Agosto. Mochila às costas, preparada para três dias, os fogosos andarilhos seguiram para Rudno Polje, na base dos Alpes

Ao nascer do sol, seguiram por desfiladeiros imensos, mas deslumbrantes, palmilhando o vale dos Sete Lagos, entre o agreste do calcário montanhoso

ma um grupo tão grande. Os portugueses também ficaram admirados quando, na crista de uma montanha, avistaram, numa família que marchava, um rapazito com uma camisola da selecção nacional portuguesa. Eram alemães, com uma recordação do Euro 2004.

O grupo intervalou o montanhismo com visitas a Radovljica, uma povoação medieval de património classificado, e à capital Liubliana, uma cidade tranquila e cosmopolita, acima de tudo harmoniosa, com apenas 250 mil habitantes. Retemperava assim forças para a aventura mais emocionante: a marcha de três dias que o levou ao Parque Nacional do Triglav e ao cimo da montanha com o

já muito maduros de vida.

Foi um feito, acima de tudo, para um italiano que reside há mais de 50 anos em Portugal, um dos sócios mais conhecidos do clube, que, aos 78 anos, «muito gostava de atingir o



Julianos. Dividiram-se, por vezes, em três grupos, conforme os quereres e as possibilidades, e embrenharam-se na floresta do parque natural.

O parque situa-se no Noroeste do país, junto à fronteira com a Itália e muito perto da Áustria. Dá refúgio a mais de cinco mil espécies vivas, com vales de uma grande beleza, desfiladeiros impressionantes, pequenas cascatas, lagos, florestas e animais como esquilos, linces, águias, ursos pardos. Aí fica o conhecido vale dos Sete Lagos. Um pormenor para os portugueses: a limpeza que se nota em todos os percursos, pratica-

gorosamente chuvoso, o único em toda a excursão. Este pequeno contratempo foi contrabalançado com o jantar de despedida de Bled, servido no espectacular castelo medieval da cidade do lago.

O derradeiro dia na Eslovénia foi passado com uma visita às grutas de Postojna, as maiores da Europa, com mais de 20 quilómetros de galerias, câmaras e salões esculpidos pela natureza e onde vive uma espécie animal — o *Proteus Anguinus*, vulgo o peixe-humano, de cerca de 30 centímetros — adaptada à escuridão, permanentemente cavernícola, sem olhos. Tem uma pele semelhante em cor e textura à humana, o que explica o nome.

O castelo de Lueghi, em Postojna, junto às maiores grutas da Europa